

A GUERRA E SUAS INOVAÇÕES: O SURGIMENTO DAS CONSTITUIÇÕES POLÍTICAS NA GRÉCIA ANTIGA

RICARDO BARBOSA DA SILVA¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – riiicardobs@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Considerada o berço da civilização ocidental, a Grécia Antiga foi o local de surgimento de muitos conceitos políticos utilizados nos dias de hoje, tais como: monarquia, aristocracia, tirania, oligarquia e democracia. Todavia, estas formas de constituição política, com as quais as *póleis* se organizavam, não surgiram de mera tomada de consciência por parte dos seus habitantes. Este foi um processo longo, no qual a guerra teve um papel fundamental. Este trabalho visa a demonstrar a evolução *pari passo* entre as formas de se guerrear e as formas políticas, ao longo da história grega.

Dentro das perspectivas da “Nova História Militar” (como é chamada na Inglaterra), os estudos sobre questões de âmbito militar das sociedades necessitam de compreensão das estruturas militares e suas correlações com estruturas maiores (MOREIRA; LOUREIRO, 2012). Logo, as análises de inter-relações entre política e guerra são relevantes, para entendermos tanto as formas de organização das instituições militares, quanto a organização das instituições políticas, posto que a guerra é “sempre uma expressão de cultura” (KEEGAN, 2006) e “o espelho de um tempo e lugar” (MAGNOLI, 2008).

Devemos ter em conta que a guerra e as atividades militares tinham um lugar central na Grécia Antiga, tendo em vista que “num mundo de cidades gregas muitas vezes rivais, a guerra era uma atividade não apenas corriqueira, mas essencial” (FUNARI, 2008), sendo assim, não é de se estranhar que os principais registros escritos da história grega são sobre guerras.

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, buscou-se trabalhar as concepções de pesquisadores (de várias áreas do conhecimento) que buscaram problematizar questões relativas à guerra e às instituições políticas gregas, pesquisadores estes que não incluem apenas brasileiros, mas também: ingleses, franceses, espanhóis e estado-unidenses. Este estudo encontra embasamento na pluralidade dos locais de produção de suas referências, entendendo, assim, que o trabalho desenvolvido no Brasil está em consonância com pesquisas desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos sobre o tema.

Buscou-se colocar em diálogo aqueles que teorizaram sobre a guerra e sua função nas sociedades (e neste caminho, nas sociedades antigas), com pesquisas que discutam as mudanças de paradigmas que levaram ao surgimento e crise da *pólis* grega. Ainda, buscou-se nas fontes escritas gregas a visão que os mesmos tinham sobre as constituições políticas da época e, também, sobre seu entendimento quanto à função da guerra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, foi entendido como os “direitos políticos” estão atrelados aos meios de violência. Guerra, política e cultura estiveram evoluindo ao mesmo tempo e de forma “harmônica”, isto é, quando havia mudança na forma de se combater (fosse tática, equipamento etc) logo haveria uma mudança política e cultural. Nosso pensamento moderno de organizar o mundo em conceitos e gavetinhas não se aplica ao mundo antigo (nem poderia), pois tudo estava mais correlacionado do que imaginamos.

Durante as pesquisas, conseguimos observar que nos tempos mais recuados da civilização grega, durante o período micênico (séculos XIV a XII a.C.), o detentor do monopólio dos meios de violência era o *ánax*, uma espécie de rei ligado ao divino (ARISTÓTELES, 2006), que governava o palácio com a ajuda de seu séquito de guerreiros, o *laós* (VERNANT, 2002). Este grupo mantinha o seu poder através da adoção do carro de combate como meio de violência (KEEGAN, 2006), o que, em contrapartida, também demandava uma grande organização e um “Estado” centralizado e poderoso (VERNANT, 2002).

Por volta do final do séc. XII (final do período micênico), os palácios são destruídos. Conjuntamente com o fim desta organização política, também teve fim na Grécia a guerra de carros de combate. Mais adiante, uma figura que antes era apenas um vassalo do *ánax* torna-se o governante, o *basiléus* passa a ser o rei (este é o termo pelas qual os monarcas gregos se identificariam, incluindo Alexandre, o grande), auxiliado pela assembleia dos velhos, a *gerousia*. Ao longo do período homérico, vemos a ascensão da cavalaria como forma de fazer a guerra (VERNANT, 2002).

Surge no séc. VII, uma nova forma de combate que viria a definir o “modelo” grego de guerrear, a infantaria pesada da falange. Nesta tática, os soldados ficavam em uma formação cerrada, onde eram protegidos pelos escudos dos companheiros (FUNARI, 2008; TESTI, 2012). O *hóplon* (escudo redondo de bronze) era o elemento simbólico principal deste tipo de combate e era de onde o guerreiro tirava seu nome: hoplita (o 'portador do *hóplon*'). Tão importante era o poder simbólico (BOURDIEU, 1989) do escudo, que este era a peça mais comumente dedicada aos deuses (PONTIN, 2012).

A revolução hoplítica (como ficou conhecida), foi um golpe decisivo nas prerrogativas dos *hippeis* (a classe dos cavaleiros), pois agora, qualquer um que pudesse fazer custas ao equipamento tornar-se-ia um *hoplítês* (soldado-cidadão).

No séc. V aconteceram diversos eventos e guerras que mudaram a história grega, as guerras Greco-Pérsicas (490-480) e a Guerra do Peloponeso (431-404) sacudiram o mundo grego. A disputa de poder em Atenas, após os lacedemônios terem libertado a cidade da tirania (510) e a iminente guerra que se formava contra os persas, fez surgir entre os atenienses uma outra revolução bélica que mudou novamente a forma de enxergar a comunidade grega. Se na revolução hoplítica participavam da guerra apenas quem podia custear o equipamento, agora até o mais pobre dos cidadãos poderia participar (e ainda seria pago por isso); a chamada revolução das trirremes (SIDEBOTTOM, 2012) alargaria a esfera de poder até os remadores das trirremes gregas, que eram navios de combate de trinta remadores.

Desde os carros de combate do período micênico até a afirmação da *pólis* com os *hippeis* (os cavaleiros), as prerrogativas políticas e militares estiveram sempre nas mãos da aristocracia guerreira; com o desenvolvimento das tecnologias bélicas, a “Revolução Hoplítica” abriu essas esferas, antes exclusivas à aristocracia, a todo aquele que pudesse dispor da panóplia hoplítica,

englobando médios e pequenos camponeses ascendentes. Essa abertura da esfera do poder a um grupo maior de terratenentes permitiu o desenvolvimento político, que levaria o poder da aristocracia para a oligarquia. Um século e meio mais tarde, no interregno entre as Guerras Médicas (490-480 a.C.), Atenas seria o palco de outra inovação, a “Revolução das Trirremes”. Esta sim alargou tanto as esferas de poder às camadas populares urbanas, que permitiu não somente o surgimento da democracia, como também a sua forma radical.

4. CONCLUSÕES

A inovação percebida neste trabalho foi como as constituições políticas gregas se firmaram, através do monopólio dos meios de violência (por certos grupos) e pela legitimação que este monopólio operava simbolicamente. Todavia, as inovações das táticas bélicas possibilitou que estes grupos fossem substituídos por outros, que acabavam também monopolizando os meios de violência e também se legitimando simbolicamente. De certa forma, pode-se pensar na correlação com o mundo de hoje (numa esfera macro), onde nações ligadas a formas políticas lutam com outras a fim de manterem o seu monopólio dos meios de violência e, assim, seu poder simbólico e sua legitimidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- FUNARI, P.P.A.. A Guerra do Peloponeso. In: MAGNOLI, D. (org.). **História das Guerras**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. Cap.2. p.19-46.
- KEEGAN, J. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MAGNOLI, D. No Espelho da Guerra. In: _____ (org.). **História das Guerras**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. Cap.1. p. 9-18.
- MOREIRA, Luiz Guilherme Scaldaferri; LOUREIRO, Marcello José Gomes. A Nova História Militar e a América Portuguesa: Balanço Historiográfico. In: POSSAMAI, Paulo César (org.). **Conquistar e defender: Portugal, Países Baixos e Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2012. Cap.1. pg. 13-31.
- PONTIN, P.B.V. O guerreiro grego e seu equipamento. In: CARLAN, C.U. et al (Org.). **História militar do Mundo Antigo: guerras e culturas**. São Paulo: Annablume; São Paulo: Fapesp; Campinas: Unicamp, 2012. Cap.2. p.33-72.
- SIDEBOTTOM, H. Assim como os pescadores fisgam o atum: a batalha naval na antiguidade. In: FUNARI, P.P.A. et al (Org.). **História militar do Mundo Antigo: guerras e identidades**. São Paulo: Annablume; São Paulo: Fapesp; Campinas: Unicamp, 2012. Cap.2. p. 39-76.
- TESTI, D. La Segunda Guerra Medica desde una perspectiva militar. **Roda da Fortuna: Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo**. v.1, n.2, p. 10-29, 2012.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- VERNANT, J.P. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.